

Balanço sem equilíbrio

Em participação popular e movimentação, a Micarecandanga recém-encerrada certamente superou a versão do ano anterior, mesmo tendo sido transferida do privilegiado espaço na Esplanada dos Ministérios para as proximidades da desprestigiada Torre de TV. Em violência também se superou. Se ambas as avaliações podem ser definidas pela simples observação dos dias da festa e pela leitura do noticiário dos jornais, quase impossível é obter informações que permitam esboçar um balanço de receita e despesa. A única certeza que resulta mesmo de uma observação superficial é que muito dinheiro foi jogado no centro do "Caldeirão da Folia". O interesse e motivação das pessoas que acompanharam o carnaval temporão permitem calcular que

a festa foi um sucesso de público e de renda. A partir daí, até as especulações mais descompromissadas não têm como avançar.

Quanto, efetivamente, rendeu a Micarecandanga? Antes de mais nada, é preciso obter absoluta transparência nas contas desse carnaval extemporâneo. Tudo que foi arrecadado e gasto, incluindo-se aí as despesas cobertas pelo GDF e empresas por ele controladas. Policiamento, ligações de água e energia elétrica e patrocínios pagos por instituições públicas representam a parte da conta que os cidadãos pagam indiretamente. Mas também é necessário saber com clareza a destinação do dinheiro recolhido e, principalmente, quanto de impostos o Distrito Federal recebeu. Porque festa é festa, mas nem por isso (ou exatamente por isso) deve pagar impostos

como qualquer outra atividade.

A população espera que contas concisas possam refletir com exatidão o que representou a Micarecandanga. O balanço financeiro, abrangente e conclusivo, precisa estabelecer claras relações de custo/benefício. Afinal governantes e governados devem ter a exata idéia de quanto Brasília lucrou em termos de receita. E como evento turístico, valeu a pena? O gosto de final de festa parece o mais apropriado para que realizem esses levantamentos. O Governo precisa insistir nestas contas, até por que um acontecimento que é do interesse de todos não pode se transformar em favorecimento para poucos. Deve-se evitar, sobretudo, que o descontrole atual, transformado em rotina, se repita no ano que vem.